



DEPENDÊNCIA E RESISTÊNCIA: ONDE A DESILUSÃO SE TRANSFORMA EM LOUCURA¹

Dependence and resistance: where disillusion turns on madness

Daniel Cardozo Severo²

RESUMO

O presente trabalho pretende apresentar mais uma das faces destrutivas (pulsão de morte) que vivemos na pandemia. Além do negacionismo, que estabelece uma relação específica com o conhecimento (ou vínculo ou elo do conhecimento, K) pautado na arrogância, leituras grupais ampliam essa visão. Elas nos permitem perceber outros vínculos importantes e o modo como determinadas lideranças chegam ao poder devido à conexão que estabelecem com os indivíduos – ou seus eleitores. Bion (1961/1975)³ nos instrumentaliza a essa leitura com suas experiências grupais. Logo, a presente apresentação utiliza o conceito de suposições básicas propostas pelo psicanalista, em específico a de dependência, para evidenciar como essas conexões se estabelecem e o modo como lideranças surgem a partir dessa suposição básica. O modo como intencionalmente indivíduos (ou agentes políticos) desestruturam as relações entre os membros de um grupo (ou comunidade) e a carência (material e emocional) que esses membros vivem, devido ao caos causado pela desestruturação grupal, são as bases da ascensão desses líderes. A conclusão a que se chega é que quanto maior o grau de dependência desses membros, maior a loucura ou a insanidade de seu líder, devido à resistência às desilusões, perdas e lutos inerentes a percepção realística desses elementos.

Palavras-chaves: Filosofia da Psicanálise; Psicanálise e Política; Pandemia.

ABSTRACT

This paper intends to show one of the destructive faces we are experiencing in the pandemic. Reading group functioning allows us to perceive other essential links and how confident leaders come to power due to their connection with individuals. Bion uses the concept of basic assumptions, precisely that of dependence, to show how these connections are established and how leadership emerges from it. This paper uses the idea of basic assumptions to deliver how these connections are established and how administration appears from it. The way individuals (or political agents) disrupt the relationships between the members of a group (or community) and the (material and emotional) lack that these members experience due to the chaos caused by the disintegration of the group are the basis for the rise of these leaders. The conclusion reached is that the greater the degree of dependence of these members, the greater the madness or insanity of their leader due to the resistance to the disappointments, losses, and mourning inherent to the realistic perception of these elements.

Keywords: Philosophy of Psychoanalysis; Psychoanalysis and Politics; Pandemic.

¹ Texto redigido a partir da apresentação na mesa “Leituras do Luto” no IX Congresso Internacional de Filosofia da Psicanálise e III Jornada de História da Psicanálise da PUC-PR.

² UNITAU e DEHONIANA. E-mail: dcsevero@gmail.com

³ BION, Wilfred Ruprecht. *Experiência com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1961/1975.

Introdução

O tema do trabalho em questão parte de um diagnóstico de Bion (1961/1975)⁴ sobre liderança grupal e, a partir dele, tentaremos jogar a luz sobre esse elemento que compõe o nosso momento na pandemia. Este trabalho parte também de um outro trabalho sobre o tema da pandemia e o complementa⁵, mas pode-se lê-los de forma independente, apesar de suas relações.

Bion (1961/1975)⁶ faz um diagnóstico sobre um pressuposto ou suposição básica que ele denomina de *dependência*. Nesse diagnóstico ele percebe a:

(...) estreita conexão existente na sbD⁷ entre a liderança do grupo e o membro do grupo psiquiatricamente mais perturbado. Não quero tentar nenhuma solução do problema da razão pela qual o grupo, quando abandonado ao comportamento espontâneo, escolhe como líder, na sbD, seu membro mais doente. Sempre foi reconhecido que assim é; tanto mesmo, na realidade, que o grande líder religioso – e o grupo religioso, por razões evidentes, é um grupo em que a sbD é ativa e vital – é geralmente considerado como louco ou possuído por um demônio, exatamente como se os membros de um grupo com a sbD em ascensão sentissem que se não forem conduzidos por um louco, então eles é que terão de sê-lo. Na verdade, poder-se-ia dizer que, tal como rejeitam qualquer fato que vá de encontro à crença de que são todos individualmente cuidados pela outra pessoa ou divindade de quem dependem, assim rejeitam também todos os fatos que poderiam indicar que o líder ou divindade seja são. A crença na santidade dos idiotas e de que o gênio é aparentado com a loucura indica esta mesma tendência que tem o grupo de escolher, quando é deixado sem estruturação, seu membro mais doente como líder. (...) na sbD é tão necessário ter-se alguém que seja dependente de nós como possuir alguém de quem se dependa.

Percebemos que, apesar desse diagnóstico não se referir aos tempos da pandemia atual, ele joga luz em fenômenos como o negacionismo, a mitificação de figuras políticas e o uso que essas figuras fazem dessa mitificação, que tanto mitigam o país atualmente. Uma vez que o tema do negacionismo e suas relações com o conhecimento (vínculo ou

⁴ BION, Wilfred Ruprecht. *Experiência com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1961/1975, p. 110-1.

⁵ SEVERO, Daniel Cardozo. “Pulsão de morte e resistência, onde o orgulho se transforma em arrogância”. In: *Natureza humana*, São Paulo, v. 22, n. 2, dez. 2020, p. 147-153.

⁶ BION, Wilfred Ruprecht. *Experiência com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1961/1975.

⁷ Essa é a sigla utilizada pelo autor para designar o pressuposto ou suposição básica dependência.



elo K) foi tema de outro trabalho⁸, este artigo visa voltar-se sobre os dois últimos fenômenos aludidos acima. O ponto central do atual artigo é, assim, tentar compreender o que seria essa suposição básica e os motivos dela nos levar a eleger o elemento mais “louco” como líder. Vale ressaltar, no sentido de aludir ao conceito, que Sandler (2021)⁹, ao comentar essa suposição básica, denomina-a de *messiânica*.

O primeiro passo a ser dado nesse percurso é, então, tentar delimitar o que seria uma suposição básica, ou pressuposto básico, de modo geral. Bion possui, durante toda sua obra, uma leitura muito atenta da obra freudiana, e, em específico ao tema dos grupos, do livro *Psicologia das massas e a análise do Eu*, donde ele retira a concepção de suposição básica e seus tipos. Na introdução da obra, Freud (1921/2020)¹⁰ diz que “na vida psíquica do indivíduo, o outro é, via de regra, considerado como modelo, como objeto, como auxiliar e como adversário, e por isso a psicologia individual é também, de início, simultaneamente psicologia social, nesse sentido ampliado, mas inteiramente legítimo” (p. 137). Desse modo, conseguimos perceber, a partir dessa afirmação freudiana do modo de aparecer do outro, as matrizes das suposições básicas de Bion (1961/1975)¹¹, pois o aparecer: 1) como *modelo*, a suposição básica *dependência*; 2) como objeto, a suposição básica *acasalamento*; e 3) como auxiliar ou adversário, a suposição básica *luta/fuga*. Assim, totalizam-se as três suposições básicas que Bion (1961/1975)¹² compreende que operam em qualquer formação grupal (coletiva, social, cultural, religiosa ou política). Entretanto, a Bion (1961/1975)¹³, esses modos como *o outro é* expresso na citação freudiana acima, detêm-se nos limites dos modos de aparecer. Portanto, o modo como o outro aparece a nós requer certo esclarecimento para compreendermos o papel das suposições básicas.

O caminho que se apresenta a esse esclarecimento é o de investigar as raízes filosóficas do autor para podermos compreender e ampliar a noção. Normalmente,

⁸ SEVERO, Daniel Cardozo. “Pulsão de morte e resistência, onde o orgulho se transforma em arrogância”. In: *Natureza humana*, São Paulo, v. 22, n. 2, dez. 2020, p. 147-153.

⁹ SANDLER, Paulo César. *A Linguagem de Bion: Um dicionário enciclopédico de conceitos*. São Paulo: Blucher, 2021.

¹⁰ FREUD, Sigmund. “Psicologia das massas e a análise do Eu”. In: *O mal-estar na cultura e outros escritos de cultura, sociedade, religião*. Belo Horizonte: Autêntica editora, 1921/2020.

¹¹ BION, Wilfred Ruprecht. *Experiência com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1961/1975.

¹² BION, Wilfred Ruprecht. *Experiência com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1961/1975.

¹³ BION, Wilfred Ruprecht. *Experiência com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1961/1975.



intérpretes do autor visam explicitar esse conceito via raízes biológicas, pautando-se até pelo inatismo – vide Sandler (2021)¹⁴. No entanto, essa via apresenta-se deveras restrita e impede a captação de nuances importantes ao tema desse artigo. Desse modo, a via filosófica utilizada pelo autor permite percebermos um campo mais amplo de fatores que participam dessa função grupal no que toca ao conceito das suposições básicas, além de ser outra via interpretativa mais fiel ao que o psicanalista visa expressar em sua obra. Portanto, para respondermos sobre o modo como *o outro é* ou sobre o modo como *o outro aparece* a nós por meio das três suposições básicas, faz-se necessário buscarmos as influências kantianas na obra do autor, ou o estatuto *transcendental* desse conceito. Para podermos ver esse *outro é* ou esse *outro aparece*, em uma leitura expandida nas modalidades grupais (coletiva, social, cultural, religiosa ou política) via suposição básica, não podemos ficar somente em um registro fenomênico ou empírico, faz-se necessário ganhar um estatuto epistemológico constitucional. Sem ele, não é possível ancorar ou universalizar essas suposições. Dessa forma, emerge dentro da obra de Bion¹⁵ o papel ou a influência de Kant em seu pensamento, uma vez que vemos o psicanalista citá-lo em vários trabalhos e referir-se frequentemente à obra *Crítica da razão pura*¹⁶ do filósofo. Portanto, para aprofundarmos a visão de Bion (1961/1975)¹⁷ a esse papel transcendental das suposições básicas aos grupos (universalizando-as), precisamos aprofundar o problema sobre dois elementos dos quais o psicanalista se apropria a partir da obra do filósofo.

O primeiro elemento, aos olhos de Bion¹⁸ em Kant (1787/2015)¹⁹, é esse estatuto epistemológico constitucional definido pelo termo *a priori*. Na obra do psicanalista, o

¹⁴ SANDLER, Paulo César. *A Linguagem de Bion: Um dicionário enciclopédico de conceitos*. São Paulo: Blucher, 2021.

¹⁵ A frequência de referências a Kant é grande dentro dos trabalhos do psicanalista, desse modo, além do livro sobre grupos tratado no artigo, apresentam-se também os trabalhos considerados do momento epistemológico de Bion (SANDLER, 2021; FIGUEIREDO & GERBER, 2018; ZIMMERMAN, 2011). Livros como, por exemplo: BION, Wilfred Ruprecht. *Elementos de psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1963/2004; BION, Wilfred Ruprecht. *Learning From Experience*. London: H. Karnac, 1962/1989; BION, Wilfred Ruprecht. “Theory of Thinking”. In: *Second Thoughts*. London: H. Karnac, 1957/1993.

¹⁶ KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 1787/2015.

¹⁷ BION, Wilfred Ruprecht. *Experiência com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1961/1975.

¹⁸ Vide nota 13 + BION, Wilfred Ruprecht. *Experiência com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1961/1975.

¹⁹ KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 1787/2015.



termo *a priori* aparece pela designação *preconcepção*. Logo, a suposição básica seria, ao psicanalista, o *a priori* ou a *preconcepção* a qualquer elemento inerente a todas relações e manifestações grupais. Isso implica ao psicanalista compreender que, citando Kant (1787/2015)²⁰, “assumimos como o método modificado do modo de pensar, a saber, que nós só podemos conhecer *a priori* das coisas aquilo que nós mesmos nelas colocamos” (p 30-1\BXVIII). Isto é, ao psicanalista, as suposições básicas como elementos *a priori* significa que nós só podemos conhecê-las porque nós mesmos as colocamos nas formações grupais – formando, assim, as próprias formações grupais. A suposição básica é, assim, ao mesmo tempo fundação ao fenômeno grupo (qualquer que seja sua modalidade – social, cultural, religioso, político etc.) e condição de conhecimento do próprio grupo.

O segundo elemento decorre de um “mantra” que aparece em vários momentos do pensamento do psicanalista, pois ele o cita em várias obras²¹. Essa referência ao filósofo apresenta-se como um dos sentidos possíveis ou definição da tarefa do aparelho psíquico a Bion²², que é a de pensar pensamento. Bion²³ refere-se a uma passagem que se encontra na abertura da *Lógica transcendental da Crítica da razão pura* de Kant (1787/2015)²⁴, em que o filósofo diz: “pensamentos sem conteúdo são vazios, intuições sem conceitos são cegas. Por isso, tornar sensíveis os seus conceitos (i. e., acrescentar-lhe o objeto na intuição) é tão necessário quanto tornar compreensível suas intuições (i. e., coloca-las sob conceitos)” (p. 97\B 75). Desse modo, ao psicanalista, o aparelho psíquico teria essa função, isto é, tornar sensíveis conceitos e tornar compreensíveis intuições, ou seja, pensar. Entretanto, para que isso ocorra, outro elemento que se faz presente e de suma importância, é o fator *tolerar a frustração* – que esse processo de pensar pensamentos, ou de sensibilizar conceitos, ou de tornar compreensíveis intuições, requer. Caso não seja possível executar esse fator, ou seja, não conseguirmos tolerar a frustração que esse

²⁰ KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 1787/2015.

²¹ Vide nota 13 + BION, Wilfred Ruprecht. *Experiência com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1961/1975.

²² Livros como, por exemplo: BION, Wilfred Ruprecht. *Elementos de psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1963/2004; BION, Wilfred Ruprecht. *Learning From Experience*. London: H. Karnac, 1962/1989; BION, Wilfred Ruprecht. “Theory of Thinking”. In: *Second Thoughts*. London: H. Karnac, 1957/1993.

²³ Livros como, por exemplo: BION, Wilfred Ruprecht. *Elementos de psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1963/2004; BION, Wilfred Ruprecht. *Learning From Experience*. London: H. Karnac, 1962/1989; BION, Wilfred Ruprecht. “Theory of Thinking”. In: *Second Thoughts*. London: H. Karnac, 1957/1993.

²⁴ KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 1787/2015.



processo exige, resistiremos a todas essas tarefas. Em outras palavras, não tornaremos sensíveis os conceitos e/ou compreensíveis as intuições. Para executarmos essa junção, que seria a essência do pensar ao psicanalista, esse processo requer uma tolerância à frustração – e execução de um processo de luto como fator. Isso é algo necessário para que o processo pensar pensamento possa acontecer. O processo analítico ao psicanalista possui também essa meta de se constituir como um espaço para que o pensar possa acontecer.

Desse modo, encerramos a etapa relacionada às influências filosóficas e kantianas na constituição do conceito de suposição básica. Agora, considerando o intento desse trabalho, não iremos analisar cada uma delas, mas nos deteremos na suposição básica de dependência, que opera como uma preconcepção de que o outro irá aparecer como modelo a nós, tal como Freud (1921/2020)²⁵ postulou. É essa suposição básica, como preconcepção, que responde o ponto central aventado por esse artigo – sobre a dependência como um dos nossos problemas atuais na pandemia. Portanto, por meio das influências filosóficas e kantianas ao psicanalista, entendemos que a suposição básica dependência é algo que está presente e está posto por nossa subjetividade em todas as relações, ela é *a priori* ou é uma *preconcepção*. Dessa forma, se ela não for pensada, ou seja, posta de modo compreensível, será uma intuição cega ou movimento cego como se apresenta no diagnóstico de Bion (1961/1975)²⁶ citado no começo do texto – a saber, elegermos o indivíduo mais louco do grupo, o caos nas relações grupais (sociais e etc.). Contudo, o modo empírico como essa suposição se realiza e se manifesta, de modo caótico e insano, requer que demos mais um passo.

Nesse novo passo é importante termos claro que o psicanalista realiza uma substituição: sai Kant e em seu lugar adentra Melaine Klein. No sentido de que o psicanalista não segue a teoria representacional kantiana, ele não adere a esse conceito, isto é, não faz parte de seu arcabouço teórico o conceito de representação – ou não, pelo menos, do modo como o filósofo criticista o utiliza. No texto de base utilizado aqui, Bion (1961/1975)²⁷ prefere utilizar, em vez de representação, o termo *protomental* como

²⁵ FREUD, Sigmund. “Psicologia das massas e a análise do Eu”. In: *O mal-estar na cultura e outros escritos de cultura, sociedade, religião*. Belo Horizonte: Autêntica editora, 1921/2020.

²⁶ BION, Wilfred Ruprecht. *Experiência com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1961/1975.

²⁷ BION, Wilfred Ruprecht. *Experiência com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1961/1975.



sinonímia ao conceito preconceção – apesar de ambos terem como sentido a ideia de *a priori*. Essa reserva ao conceito de representação se dá pelo motivo, e aqui adentra Klein (1952/1991)²⁸, de não ser possível para a Psicanálise existirem representações *a priori* tal como não há objetos *a priori*; ou seja, o psicanalista não visa ferir a teoria pulsional freudiana²⁹, que pressupõe que a pulsão não possui objetos pré-determinados. Logo, Klein (1952/1991)³⁰ entra porque ela propõe algo que Bion³¹ absorve: o termo expectativas pulsionais ou de satisfação. Para a psicanalista, espontaneamente nossas pulsões ou nossos impulsos visam encontrar não um objeto específico (ou representação), mas uma satisfação específica. Em mãos dessa proposta, Bion (1961/1975)³² concebe duas expectativas *a priori* (protomental ou preconceção) de encontrar o Seio e o Complexo de Édipo – em vez, por exemplo, de ser o tempo ou o espaço da Estética Transcendental kantiana, nossa sensibilidade teria *a priori* a expectativa, e não a representação, de se satisfazer com o Seio e o Complexo de Édipo. Nesses termos, indicar o que seria expectativa significa que não se espera encontrar um objeto específico que lhe nos dê, mas a expectativa de algo ou de se receber algo. No caso da expectativa Seio, seria especificamente a Bion (1961/1975)³³ o modo como Klein (1952/1991)³⁴ define o Seio Bom, ela diz que “o seio bom tende a transformar-se no seio ‘ideal’ que deveria saciar o desejo voraz por gratificação ilimitada, imediata e permanente. Surgem assim sentimentos ligados a um seio inexaurível e perfeito, sempre disponível, sempre gratificador” (p. 89). Então, enquanto preconceção Seio, o que temos é a expectativa espontânea pelos indivíduos de encontrar uma satisfação ilimitada, imediata e permanente não importa no quê – pois não existe “no quê” *a priori*. Essa expectativa, compreende Klein

Janeiro: Imago; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1961/1975.

²⁸ KLEIN, Melanie. “Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê”. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1952/1991.

²⁹ Por exemplo FREUD, Sigmund. *As pulsões e seus destinos*: edição bilíngue. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. São Paulo: Autêntica, 1915/2013.

³⁰ KLEIN, Melanie. “Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê”. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1952/1991.

³¹ Por exemplo, BION, Wilfred Ruprecht. “Theory of Thinking”. In: *Second Thoughts*. London: H. Karnac, 1957/1993.

³² BION, Wilfred Ruprecht. *Experiência com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1961/1975.

³³ BION, Wilfred Ruprecht. *Experiência com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1961/1975.

³⁴ KLEIN, Melanie. “Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê”. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1952/1991.



(1952/1991)³⁵, é da estrutura da posição esquizoparanóide, mas para Bion (1961/1975)³⁶ é o núcleo do pressuposto básico ou da suposição básica dependência.

Dessa forma, no pressuposto básico ou na suposição básica dependência, o movimento espontâneo dos indivíduos no grupo, e do grupo em todas as suas possíveis modalidades (sociedade, cultura, religião, política etc.), é de encontrar algo que forneça ou prometa a realização dessas expectativas. É nessa busca de realizar essas expectativas, não importa no quê, que se dá a eleição desse “messias” – ou, como se apresenta no diagnóstico de que parte este trabalho, a escolha como líder de seu membro mais doente e a rejeição de qualquer fato que vá de encontro à crença na divindade do líder (do que dependem). A escolha ou a eleição desse “messias” se dá, portanto, sobre e na esperança de encontrar nele a realização dessas expectativas, ou seja, de encontrar algo no objeto e não o objeto em si. Logo, a preconcepção Seio e o pressuposto básico dependência possuem uma relação íntima a Bion (1961/1975)³⁷ ancorados na idealização. Entretanto, dentro da teoria da formação de símbolos de Klein (1930/1996)³⁸ encontra-se inerente a produção do símbolo, o processo de luto e desilusão.

Os símbolos, para Klein (1930/1996)³⁹, são o resultado desses processos – a autora também compreende a sublimação como sinonímia ao processo da formação de símbolos, distinto da visão freudiana de dessexualização. Desse modo, quanto mais caótico o funcionamento do grupo e suas modalidades, quanto mais esse grupo e suas modalidades vão deparando-se com as suas necessidades não sendo supridas, mais ocorrerá a idealização e entrada em cena da preconcepção Seio e a busca de realização da suposição básica dependência. Portanto, quanto maior a necessidade e a incapacidade, devido à intolerância à frustração, de realizarmos os processos de luto e desilusão para formação de símbolos, mais ativa ou em cena estará essa suposição básica dependência e a

³⁵ KLEIN, Melanie. “Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê”. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1952/1991.

³⁶ BION, Wilfred Ruprecht. *Experiência com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1961/1975.

³⁷ BION, Wilfred Ruprecht. *Experiência com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1961/1975.

³⁸ KLEIN, Melanie. “A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego”. In: *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (1921-1945). Volume I das obras completas de Melanie Klein. Rio de Janeiro: Imago, 1930/1996.

³⁹ KLEIN, Melanie. “A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego”. In: *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (1921-1945). Volume I das obras completas de Melanie Klein. Rio de Janeiro: Imago, 1930/1996.



preconcepção Seio. Quanto mais ativos ou em cena esses elementos, mais louco e insano será o líder escolhido ou eleito – devido à idealização. E, se esse líder prega e pratica o caos, maior será a participação ou entrada em cena dessa suposição básica, e maior será estruturação vincular por ela.

Desse modo, a título de consideração final, vislumbramos mais uma das faces destrutivas da pulsão de morte que vivemos na pandemia. Leituras grupais nos permitiram perceber vínculos importantes e o modo como determinadas lideranças chegam ao poder devido à conexão que estabelecem com os indivíduos – ou seus eleitores. Bion (1961/1975)⁴⁰ nos instrumentalizou a essa leitura com suas experiências grupais. Logo, percebemos que o conceito de suposições básicas propostas pelo psicanalista, em específico a de dependência, evidencia como essas conexões se estabelecem e o modo como lideranças surgem a partir dela. O modo como intencionalmente indivíduos (ou agentes políticos) desestruturam as relações entre os membros de um grupo (ou comunidade) e a carência (material e emocional) que esses membros vivem, devido ao caos causado pela desestruturação grupal, são as bases para a ascensão desses líderes. O fim ao que se chega é que quanto maior o grau de dependência desses membros, maior a loucura ou a insanidade de seu líder, devido à resistência às desilusões, perdas e lutos inerentes à percepção realística desses elementos.

Referências

- AFFONSO, Claudinei; PERON, Paula; CARVALHO, Regina Célia Cavalcanti. *Sujeitos da psicanálise: Freud, Ferenczi, Klein, Lacan e Bion: diálogos teóricos e clínicos*. São Paulo: Escuta, 2018.
- BION, Wilfred Ruprecht. “Theory of Thinking”. In: *Second Thoughts*. London: H. Karnac, 1957/1993.
- BION, Wilfred Ruprecht. *Experiência com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1961/1975.
- BION, Wilfred Ruprecht. *Learning From Experience*. London: H. Karnac, 1962/1989.
- BION, Wilfred Ruprecht. *Elementos de psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1963/2004.
- DUDLEY, Will; ENGELHARD, Kristina. *Immanuel Kant: conceitos fundamentais*. Petrópolis – RJ: Vozes, 2020.
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio; GERBER, Ignácio. *Por que Bion?* 1. ed. São Paulo: Zagadoni, 2018.

⁴⁰ BION, Wilfred Ruprecht. *Experiência com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1961/1975.



- FREUD, Sigmund. *As pulsões e seus destinos*: edição bilíngue. tradução de Pedro Heliodoro Tavares. São Paulo: Autêntica, 1915/2013.
- FREUD, Sigmund. “Psicologia das massas e a análise do Eu”. In: *O mal-estar na cultura e outros escritos de cultura, sociedade, religião*. Belo Horizonte: Autêntica editora, 1921/2020.
- GUYER, Paul. *Kant*. São Paulo: Editora Ideias & Letras, 2021.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 1787/2015.
- KLEIN, Melanie. “A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego”. In: *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Volume I das obras completas de Melanie Klein. Rio de Janeiro: Imago, 1930/1996.
- KLEIN, Melanie. “Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê”. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1952/1991.
- LÉVY, François. *A psicanálise com Wilfred R. Bion*. São Paulo: Blucher; 2021.
- SANDLER, Paulo César. *A Linguagem de Bion: Um dicionário enciclopédico de conceitos*. São Paulo: Blucher, 2021.
- SEVERO, Daniel Cardozo. “Pulsão de morte e resistência, onde o orgulho se transforma em arrogância”. In: *Natureza humana*, São Paulo, v. 22, n. 2, dez. 2020, p. 147-153.
- ZIMERMAN, David E. *Bion da teoria à prática: uma leitura didática*. Porto Alegre: Artmed, 2011.